

## O “maior” presidente da história do Brasil sob a ótica de Valentin Volóchinov – um estudo da significação e do tema na palavra ideológica<sup>1</sup>

*The “biggest” president in Brazil's history from the viewpoint of Valentin Volóchinov - a study of the meaning and theme in the ideological word*

Wallace Dantas<sup>2</sup>

**RESUMO:** Memes são artefatos culturais (MARTINO; GROHMANN, 2017; LEAL-TOLEDO, 2013) muito divulgados atualmente nas mídias, por meio das redes sociais, formados por imagem e palavras que, dependendo, podem apresentar de conteúdo jocoso a reflexões mais sérias (mesmo que em tom piadístico), sempre, porém, partindo da cultura e do social no qual estão no momento de sua criação. Nesse sentido, neste artigo, temos a seguinte questão-problema: Quais sentidos são convocados em um *meme* cujo tópico discursivo é o Presidente Jair Bolsonaro no atual cenário político e social no qual se encontra a sociedade brasileira? Objetivamos, então, compreender o discurso do atual presidente do Brasil, sob a ótica de um meme, a partir de uma abordagem dialógica e interacional, tomando como categoria de análise uma palavra em específico, sob a ótica da *significação* e do *tema*, que são conceitos caros à teoria dialógica da palavra (Análise Dialógica do Discurso – ADD), que nos é apresentada pelo Círculo de Bakhtin. A análise aqui apresentada aponta para a importância dos contextos social, cultural e midiático nos quais o *meme* se insere. A ADD se mostrou profícua na compreensão do “fenômeno memético” aqui apresentado.

**Palavras-chave:** Meme; Tema; Significação; Palavra Ideológica; Abordagem Dialógica do Discurso.

**ABSTRACT:** Memes are cultural artifacts (MARTINO; GROHMANN, 2017; LEAL-TOLEDO, 2013) currently widely disseminated in the media, through social networks, formed by images and words that, depending on the content, can present jocular content to more serious reflections (even if in a joking tone), always, however, starting from the culture and the social in which they are at the moment of its creation. In this sense, in this article, we have the following problem question: What meanings are summoned in a meme whose discursive topic is President Jair Bolsonaro in the current political and social scenario in which Brazilian society is found? We aim, then, to understand the speech of the current president of Brazil, from the perspective of a meme, from a dialogical and interactional approach, taking as a category of analysis a specific word, from the perspective of meaning and theme, which are concepts dear to the dialogical theory of the word (Dialogical Discourse Analysis - ADD), which is presented to us by the Bakhtin Circle. The analysis presented here points to the importance of the social, cultural and media contexts in which the meme is inserted. ADD proved to be useful in understanding the “memetic phenomenon” presented here.

**Keywords:** Meme; Theme; Meaning; Ideological word; Dialogical Approach to Discourse.

*... a significação [...] é absorvida pelo tema e dilacerada por seus conflitos vivos, para depois voltar como uma nova significação com a mesma estabilidade e identidade transitórias. (Valentin Volóchinov)*

<sup>1</sup> Agradeço imensamente as leituras e orientações do Professor Dr. Manassés Morais Xavier (UFCG) nas primeiras versões de escrita deste texto. Qualquer lacuna é de minha total responsabilidade.

<sup>2</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino/PPGLE da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: wallacedantaspb@hotmail.com ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9716-644X>

## Introdução

Estamos em 2021<sup>3</sup>, em pleno século XXI, e vivemos um momento bastante difícil a nível global: a pandemia do novo coronavírus – algo que assola o mundo. Esse cenário tem acarretado outros cenários também difíceis, como, por exemplo, crises políticas oriundas da má gestão de muitos governantes de/em diversos países. No Brasil, chegamos à marca de mais de duzentos mil mortos pela COVID-19<sup>4</sup>, além de enfrentarmos uma crise política sem precedentes. E, em meio a essa crise política no contexto brasileiro, não podemos deixar de mencionar os discursos e ações daquele que foi eleito para governar o Brasil. E este artigo trata justamente disto: o discurso do presidente da República do Brasil, não na visão dele, mas na visão dos memes.

Memes são artefatos culturais (MARTINO; GROHMANN, 2017; LEAL-TOLEDO, 2013) muito divulgados atualmente nas mídias, por meio das redes sociais, formados por imagem e palavras que, dependendo, podem apresentar de conteúdo jocoso a reflexões mais sérias (mesmo que em tom piadístico), sempre, porém, partindo da cultura e do social no qual estão no momento de sua criação. Nesse sentido, temos a seguinte questão-problema que nos levou à produção deste texto: Quais sentidos são convocados em um meme cujo tópico discursivo é o Presidente Jair Bolsonaro no atual cenário político e social no qual se encontra a sociedade brasileira? Objetivamos, então, compreender o discurso do atual presidente do Brasil, sob a ótica de um meme, a partir de uma abordagem dialógica e interacional, tomando como categoria de análise uma palavra em específico, sob a ótica da *significação* e do *tema*, que são conceitos caros à teoria dialógica da palavra (ou caros à Análise Dialógica do Discurso – ADD), que nos é apresentada pelo famigerado Círculo de Bakhtin, a partir do livro “Marxismo e Filosofia da Linguagem – problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem” (doravante MFL) escrito por Valentin Volóchinov.

<sup>3</sup> É importante esclarecermos que o contexto que servirá de análise para nosso objeto de estudo é o contexto de 2020, que preferimos por relatar em detalhes neste texto para o entendimento do leitor.

<sup>4</sup> Optamos por mencionar “duzentos mil” por ser um número fechado, no entanto, esses dados são atualizados diariamente pelo Consórcio de imprensa, formado pelo Jornal Folha de S. Paulo, site UOL, Jornal O Estado de S. Paulo, Jornal Extra, Jornal O Globo e site G1. Tal ação visa ao preenchimento da lacuna criada pelo ministério da saúde que, há meses, não fornece e nem atualiza a população brasileira sobre tais dados. O consórcio de imprensa tem acesso a esses números devido à parceria com as secretarias estaduais de saúde. Os dados do dia são sempre atualizados até às 20h.

Para tanto, propomos a seguinte organização deste artigo: apresentamos as bases da teoria bakhtiniana sobre a *significação* e o *tema* a partir da obra mencionada. Seguidamente, apresentamos breves notas sobre a “memética”, estudo ainda preliminar sobre os memes e que, em maior ou menor grau, vem sofrendo resistência dos meios acadêmicos sobre ser ainda uma suposta “teoria”. Em um terceiro momento, descrevemos o que chamamos de “caos na política brasileira na atualidade”, detendo nosso olhar para o presidente e seu grupo político, a partir do vídeo da reunião presidencial de 22 de abril de 2020, divulgado pela mídia por ordem de um dos decanos do Supremo Tribunal Federal (doravante STF). Depois, no quarto ponto, falamos sobre o Jornal Folha de São Paulo e sua relação com o presidente na atualidade – o referido Jornal foi escolhido tendo em vista que o meme em análise faz referência direta à Folha. Por último, temos as Considerações Finais.

#### **Notas sobre “significação” e “tema”**

Para Volóchinov (2018), a questão da significação é uma das mais difíceis da linguística. Não adentrarei, neste texto, em textos como *Discurso na vida e discurso na arte* e *Problemas da poética de Dostoiévski*, obras do famigerado Círculo de Bakhtin, não porque sejam menos importantes, mas por compreender que foi em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL) que, no Círculo, a partir de Volóchinov, nos deparamos com um aprofundamento do que seja *tema* e *significação*. É importante ainda apontarmos que em MFL, o conceito de *tema* é iniciado no capítulo 2, intitulado “O problema da relação entre a base e as superestruturas”, no entanto, é no capítulo 4, “Tema e significação na língua”, localizado na segunda parte da obra, que nos deparamos com a oposição e distinção entre o que seja *tema* e *significação*, ou seja, temos um aprofundamento conceitual.

À luz dessa distinção conceitual, *significação* é um estágio menor, inferior, inicial da capacidade de significar. Ela é única. Apresenta, apesar de vários e a depender da palavra, um único sentido e está presente em qualquer enunciado, ou seja, é totalizante. A *significação* é própria dos signos linguísticos, assim como das formas gramaticais da língua. Podemos também compreendê-la como sendo o sentido que tais signos linguísticos assumem a partir dos usos reiterados, repetidos, com esse ou aquele significado. A *significação*, portanto, é “um estágio mais estável

dos signos e dos enunciados”, considerando que tais signos são frutos de uma convenção, portanto (muitos) registrados nos dicionários, “podendo ser utilizados em diferentes enunciações com as mesmas indicações de sentido” (CEREJA, 2013, p. 220).

O *tema*, por sua vez, é inseparável do enunciado, estando fora do próprio enunciado, sendo, então, uma expressão histórica e concreta de uma determinada situação. O *tema* é totalmente dependente dos sujeitos que estão envolvidos na situação de comunicação, no uso da palavra e nas vozes que se fazem ouvir no processo de interação verbal, portanto, é único e irrepitível. Na composição do *tema*, não temos apenas a presença de elementos linguísticos e estáveis, mas temos também a presença de elementos extraverbais, que compõem a situação de produção, recepção, circulação e uso no processo de comunicação. Em outras palavras, o *tema* se soma à *significação* para compor o resultado final e interacional da construção de sentido.

Com fins de simplificar e sistematizar mais simploriamente esses conceitos, a partir de Volóchinov (2018), apresentamos o seguinte quadro com as principais características da *significação* e do *tema*:

SIGNIFICAÇÃO	TEMA
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Junto com o tema, ou melhor, dentro dele;</li> <li>✓ “aspectos do enunciado que são repetíveis e idênticos a si mesmos”;</li> <li>✓ Decompõe-se em uma série de significações em conformidade com os elementos linguísticos;</li> <li>✓ Não há significação sem tema;</li> <li>✓ “a pluralidade de significações é uma propriedade constitutiva da palavra”;</li> <li>✓ Palavra só adquire tema se se figurar na qualidade de um enunciado completo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Individual e irrepitível como o próprio enunciado;</li> <li>✓ Expressa a situação histórica concreta que gerou o enunciado;</li> <li>✓ Não apenas formas linguísticas, mas aspectos extraverbais da situação;</li> <li>✓ É tão concreto quanto o momento histórico ao qual pertence;</li> <li>✓ Não há tema sem significação;</li> <li>✓ Deve se apoiar em uma significação estável – caso contrário, pode perder o sentido com o antes e o depois.</li> </ul>

Fonte: Volóchinov (2018, p. 228-231)

Como podemos observar nos quadros apresentados aqui, a *significação* possui uma natureza abstrata, sendo (predominantemente) permanente e estável, estando para o signo abstrato, constituindo a palavra, já que sua existência é item constitutivo dos signos gramaticais existentes. O *tema*, conforme apresentamos no quadro acima, é individual e irrepitível como o é o próprio enunciado, sendo capaz, como já falamos, de expressar a situação histórica, concreta e real que fez gerar o enunciado. O *tema* está para além das formas linguísticas, atrelando-se, então, aos aspectos extraverbiais da situação social de comunicação, sendo concreto e único como é o momento histórico ao qual está vinculado.

Diante disso, à luz de Volóchinov (2018), a *significação* está para o inferior, atrelada à significação da própria palavra no sistema da língua, à palavra dicionarizada. O *tema*, por sua vez, é superior, estando para além da palavra enquanto sistema, enquanto palavra dicionarizada. Nesse embate do tema com a significação, temos o problema da *compreensão*.

A *compreensão* é ativa, porque os sujeitos envolvidos agem, interagem, determinam o *tema* no momento histórico e social no qual se encontram. A *compreensão*, para esse autor, possui um embrião de resposta, sendo essa *compreensão ativa* a responsável pela determinação e definição do *tema*, “pois um processo de formação só pode ser apreendido com a ajuda de outro processo de formação.” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 232).

Compreender, então, um enunciado do outro, alheio, significa o sujeito ativo se orientar em relação a esse enunciado, encontrando um lugar devido no contexto correspondente. É uma ação de acrescentar no referido enunciado “uma camada de palavras responsivas”. Diante disso, “toda compreensão é dialógica”, sendo a busca de uma antipalavra à palavra do falante (VOLÓCHINOV, 2018, p. 232).

Por fim, no tocante à *inter-relação entre avaliação e significação*, é importante compreendermos que qualquer palavra, seja ela qual for, não possui apenas um *tema* e uma *significação* no sentido objetivo, mas uma *avaliação*, porque todos os conteúdos objetivos existem na palavra viva, sendo ditos e/ou escritos no tocante à certa ênfase valorativa, sendo que “sem uma ênfase valorativa não há palavra”.

A *avaliação social* contida na palavra é transmitida entre os sujeitos a partir da *entonação expressiva* que, na maioria dos casos, é determinada pela situação mais

próxima, assim como, em muitos casos também, pelas circunstâncias efêmeras. Uma mesma palavra proferida é pronunciada com uma imensa variedade de entonações, dependendo das diversas situações e emoções contidas. Diante disso, podemos compreender que não existe enunciado sem avaliação, sendo o próprio enunciado uma *orientação avaliativa*, conforme já afirma Volóchinov (2018). “Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia”. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 236).

Considerar a *avaliação social* é de basilar importância para que possamos compreender a formação histórica tanto do *tema* quanto das *significações* que realizam esse tema. Para Volóchinov (2018), a formação do sentido da/na língua relaciona-se à formação do horizonte valorativo do grupo social; formação essa entendida como um conjunto de tudo o que é detentor de significação e/ou importância para o grupo social no qual os sujeitos se inserem. Com isso, evocamos a epígrafe deste texto, para finalizarmos este tópico, porque, à luz dessa *avaliação social*, concordamos com o teórico russo, para quem a *significação* é absorvida pelo *tema*, sendo dilacerada pelos conflitos vivos contidos no grupo social.

### **Notas sobre a “memética” ou Por uma abordagem teórica dos memes**

O que se entende por meme na atualidade apresenta sua origem em 1976, com Richard Dawkins, no livro “O gene egoísta”, principalmente, no último capítulo da obra em questão quando o referido autor, a partir da equivalência quanto à ampliação de características, a partir de material genético, *gene*, traz à tona a propagação de ideias a partir de um material memético. Não é foco deste artigo trazer uma abordagem sobre questões biológicas atreladas aos *genes*, como bem fez Leal-Toledo (2013), no entanto, não podemos deixar de afirmar, até mesmo categoricamente, que o conhecimento sobre o “darwinismo”, passando especial e principalmente pelo chamado “Darwinismo Universal”, bem presente na obra de 1976, é de fundamental importância.

Usamos as palavras de Leal-Toledo para esclarecer o “Darwinismo Universal”, a partir de Dawkins (1976), dando ênfase ao chamado “replicador” que é tão caro à propositura de uma (talvez!) “teoria dos memes”:

Dawkins coloca, no início de todo o processo de evolução, o chamado “replicador”, sem especificar qual é esse replicador. Para haver um processo de evolução por seleção natural, é necessário um replicador com hereditariedade. Aqui surge o foco do chamado “Darwinismo Universal”: o importante do gene não é que ele é uma cadeia de DNA, porém, que ele é um replicador, ou seja, algo que faz cópias de si mesmo. Desse modo, se ele fosse feito de outra substância, a qual também pudesse se replicar, ele também seria alvo da seleção natural e, por conseguinte, da evolução. (...) (LEAL-TOLEDO, 2013, p. 188)

A partir dessa citação e entendendo que a compreensão quanto ao *darwinismo universal* é importante para uma abordagem teórica dos memes – no sentido pretendido por este artigo –, e já bem explicado por Leal-Toledo (2013), a ideia central do *darwinismo universal* é a ideia de que, a partir do momento que os recursos são escassos, os sujeitos<sup>5</sup> de uma população variável que forem mais aptos, certamente, terão mais descendentes e, nesse caso, sua prole também será apta, já que essas aptidões são herdáveis. Essa prole, então, terá outras mutações, que a tornarão cada vez mais apta, dando origem, assim, a um processo de acumulação de mutações, popularmente conhecido de *seleção natural*. Compreendendo, assim, o que seja o *darwinismo universal*, conforme Leal-Toledo (2013, p. 191), compreenderemos o que é “memética”, que, simploriamente, deve ser entendida como “[...] o algoritmo da evolução por seleção natural aplicada diretamente à cultura”.

Como mencionado anteriormente, o conceito de memes surgiu no final da década de 1970 do século passado, pelo biólogo Richard Dawkins<sup>6</sup>, semelhante à cultura dos genes, isto é, a cultura estudada através do processo de evolução por seleção natural de memes: comportamentos, conceitos, ideias. Meme, então, é compreendido a partir dessas considerações como uma unidade de cultura que é transmitida, replicada, de pessoa para pessoa<sup>7</sup>. A cultura nesse contexto funciona por

<sup>5</sup> Prefiro usar o termo “sujeito” para manter um diálogo com a teoria dialógica que fundamenta este arquivo. Do ponto de vista biológico, porém, me parece que o termo certo seja “indivíduo”.

<sup>6</sup> “Richard Dawkins, in full Clinton Richard Dawkins, (born March 26, 1941, [Nairobi](#), Kenya), British evolutionary biologist, ethologist, and popular-science writer who emphasized the [gene](#) as the driving force of evolution and generated significant controversy with his enthusiastic [advocacy](#) of [atheism](#).” (Fonte: <https://www.britannica.com/biography/Richard-Dawkins>. Acesso em agosto de 2020).

<sup>7</sup> É de grande importância deixar claro que, para a ideia proposta neste artigo, não estamos considerando apenas e tão somente o conceito inicial de memes, mas optamos trabalhar com ressignificações desse conceito, atrelando a ideia do que seja meme a ações culturais e replicadores no ambiente da cultura digital, principalmente, considerando os dias nos quais estamos, nos quais as redes sociais e os espaços midiáticos vêm exercendo inimagináveis influências na vida, ações,

um processo de continua e ininterrupta replicação (MARTINO; GROHMANN, 2017), fazendo com que os memes dependam de uma constante e mudança adaptação para permanecerem.

O filósofo Daniel Dennett<sup>8</sup> fez uso desse conceito de forma central em sua teoria da consciência<sup>9</sup>, divulgando pela primeira vez a possibilidade de uma ciência dos/para os memes: a “memética”. Na defesa dessa ciência, teremos Blackmore (1999) como sendo a estudiosa que mais se aproxima de uma defesa robusta sobre. No Brasil, mencionamos a tese de doutoramento de Leal-Toledo (2009) como sendo um estudo profícuo e aprofundado dessa ciência, entrelaçando, ao pensamento de Dawkins, as ideias de Blackmore e a filosofia de Dennett. Mesmo diante de tais estudos, a memética sofreu duras críticas e, atualmente, mesmo diante do primoroso cenário de debate e discussão, no âmbito das mídias, da cultura, do universo digital, do discurso, não se constituiu como ciência, com métodos e uma base empírica construída e bem consolidada.

Arelado à cultura, os memes não podem ser compreendidos, analisados e revisitados fora das relações históricas e sociais, assim como não podem ser compreendidos e analisados fora do contexto afetivo no qual se inserem (NUNES, 2001), em outros ditos, a lógica de recepção, compreensão e análise dos memes só acontece à luz da cultura, bem como da cultura popular. Nesse contexto, pensando conforme Martino e Grohmann (2017), os memes podem ser compreendidos à luz de uma vinculação interacional, seja na conversa cotidiana, seja nas interações midiáticas, nas quais se fazem presentes de forma incansável no século XXI, de forma a ressignificar situações e acontecimentos, em geral, a partir de um conteúdo jocoso.

No contexto digital, no qual o meme analisado neste artigo está, concordamos com Martino e Grohmann (2017) no tocante à sua materialidade, podendo vir na forma de imagens, vídeos, frases, enunciados e discursos, sendo compreendidos como

---

pensamentos e modos de todos os sujeitos socialmente constituídos. Não perdemos de vista o conceito amplo de *memes*, mas aqui estamos considerando a cultura digital e o ambiente midiático.

<sup>8</sup> “Daniel C. Dennett, the author of *Breaking the Spell* (Viking, 2006), *Freedom Evolves* (Viking Penguin, 2003) and *Darwin’s Dangerous Idea* (Simon & Schuster, 1995), is University Professor and Austin B. Fletcher Professor of Philosophy, and Co-Director of the Center for Cognitive Studies at Tufts University.” (Fonte: School of Arts and Sciences – Tufts University. <https://ase.tufts.edu/cogstud/dennett/>. Acesso em agosto de 2020)

<sup>9</sup> Para aprofundamento, ler Leal-Toledo (2006).

práticas culturais e estando, atualmente, sendo proliferados em maior intensidade no ambiente das mídias digitais. À luz desses autores, com os quais concordamos, que se fundamentam em Shifman (2013, 2014), os memes são compreendidos como imagens de vários tipos, nas quais são acrescentadas palavras que constituem uma determinada mensagem.

Os memes são de fácil acesso, portanto, populares, devido à facilidade de criação que possuem, havendo até sites próprios para tal feito. Para Milner (2013), por fim, eles, quando no ambiente digital, são “artefatos simbólicos multimodais criados, colocados em circulação e transformados por incontáveis participantes”.

### **O caos na política brasileira em 2020 – considerações sobre o presidente e seu grupo político no comando do Brasil**

Jair Messias Bolsonaro, até então filiado ao Partido Social Liberal (PSL), em 2018, foi eleito o 38º Presidente da República Federativa do Brasil, derrotando o candidato Fernando Haddad do Partido dos Trabalhadores (PT). Assumiu a presidência do maior país da América do Sul em 01 de janeiro de 2019.

Em 2020, a partir de março, em terras brasileiras, foi decretado isolamento social devido à pandemia do novo coronavírus (COVID-19). Diante de uma situação tão emblemática como essa, a atual gestão presidencial vem apresentando falhas, desgastes e incompetências no que diz respeito ao gerenciamento de ações para tentar, junto aos brasileiros, ao menos sanar os graves e irreparáveis danos na vida da população.

Em meio a tantas crises e situações que não cabem neste artigo, tivemos, em especial, algumas situações bem complicadas que até hoje se refletem na vida da população brasileira. Conforme dados divulgados na mídia, em maio, estávamos com pouco mais de 22 mil mortos brasileiros pelo novo coronavírus. Atualmente, meados de agosto de 2020, passamos de 100 mil mortos<sup>10</sup>.

Foi de meados de abril para maio que, em meio a uma grave crise política no atual governos, tivemos a saída de então ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta

---

<sup>10</sup> Lembramos aqui o que explicamos na nota de rodapé nº 03.

(02/01/2019 a 16/04/2020)<sup>11</sup>, por divergências com o presidente. Em seguida, assume o ministério o médico Nelson Teich (16/04/2020 a 15/05/2020)<sup>12</sup>, que, em menos de um mês, também deixa a pasta o Ministério da Saúde por motivos de divergências com o presidente. Até a escrita deste artigo, o referido ministério ainda continua sem um ministro da saúde efetivo e com formação condizente para o cargo, tendo como ministro interino o senhor Eduardo Pazuello, que apresenta apenas formação militar.

Um pouco antes desses casos de saída no Ministério da Saúde, tivemos o pedido de demissão do então Ministro da Justiça e Segurança Pública, o senhor Sérgio Fernando Moro, pelo motivo de não ter aceitado nenhum tipo de interferência na Polícia Federal (PF), por parte do presidente ao demitir o então diretor da PF, o senhor Maurício Valeixo, que foi indicado ao cargo de diretor pelo ministro Sérgio Moro. A demissão do então diretor, conforme afirmou Moro em várias reportagens, acontecia sem motivos técnicos, mostrando uma tentativa de interferência, por parte daquele que, em campanha, sempre pregou a honestidade e a posição de ser contra a corrupção<sup>13</sup>.

Nesse contexto, o, agora, ex-ministro Sérgio Moro afirma que há provas incontestáveis contra o presidente, que provam que o presidente queria interferir na PF: conversas de *WhatsApp* e a gravação de uma reunião ministerial ocorrida em 22 de abril de 2020. Pela mídia, as conversas foram divulgadas, assim como o tal vídeo que, por sua vez, desencadeou uma onda de análises por parte de especialista, divergência de opinião entre a base apoiadora do atual governo, críticas ferrenhas por parte da oposição, além de uma situação mais acirrada com o Supremo Tribunal Federal (STF), pelo fato de um de seus ministros, o decano Celso de Melo, ter quebrado o sigilo da reunião de 22 de abril, expondo, assim, o que parte significativa da população já sabia, até mesmo antes do atual governo assumir o poder: que foi eleito o presidenciável mais incompetente da história da República Brasileira. O que se viu na tal reunião foi um show de palavrões, da falta de decoro por parte de outros ministros do atual governo e, principalmente, a falta de planos estratégicos para que o Brasil fosse/seja minimamente bem governado.

---

<sup>11</sup> Para mais informações sobre a saída de Mandetta: [encurtador.com.br/eluQV](http://encurtador.com.br/eluQV)

<sup>12</sup> Para mais informações sobre a saída de Teich: [encurtador.com.br/rsBEG](http://encurtador.com.br/rsBEG)

<sup>13</sup> Para mais informações sobre o caso envolvendo a demissão do então Ministro Moro: [encurtador.com.br/rAGPS](http://encurtador.com.br/rAGPS)

A grande mídia nacional, em especial canais como Globo, Globonews e CNN – este último, no dia da liberação do vídeo pelo já mencionado ministro, divulgou o vídeo na íntegra –, apresentaram reportagens mostrando a realidade, seguida de análises de comentaristas e especialistas sobre o que se estava sendo assistindo naquela ocasião. Apesar da grande repercussão, contrariando as afirmações do ex-ministro Moro, o vídeo não foi suficiente para que uma abertura de um dos mais de 50 processos protocolados de impeachment não fosse iniciada, fazendo com que o atual presidente, mesmo diante das atrocidades que vem cometendo, continue no poder.

Um dos momentos, digamos, curiosos do tal vídeo diz respeito às críticas que o presidente realiza à editora Globo e ao Jornal Folha de S. Paulo. Em especial, as críticas do presidente e de seu grupo de apoio ao Jornal Folha de S. Paulo são inúmeras, muitas vezes, inclusive, atacando a liberdade da imprensa de passar à sociedade as notícias, e muitas vezes ferindo o direito constitucional da liberdade de expressão. É à luz de todo esse contexto apresentado, de fortes críticas à imprensa, em especial ao referido jornal, a partir do vídeo mencionado neste tópico, que, na próxima seção, faremos a análise do meme que escolhemos, considerando o contexto no qual ele foi reproduzido, momento esse já descrito aqui.

### **Do jornal Folha de S. Paulo e sobre o “maior” presidente do Brasil: o menor presidente através do meme**

O Jornal Folha de S. Paulo é o produto mais importante oferecido pelo Grupo Folha<sup>14</sup> à sociedade brasileira, desde a sua fundação 19 de fevereiro de 1921. Em 99 anos de existência, não curiosamente, a Folha possui como slogan atualmente “Um jornal a serviço da democracia”.

---

<sup>14</sup> “O Grupo Folha é um dos principais conglomerados de mídia do país. Controla o jornal de maior circulação e influência (Folha de S.Paulo), o site noticioso de jornal com mais audiência ([www.folha.com.br](http://www.folha.com.br)), o Datafolha, um dos institutos de pesquisa mais respeitados do país, uma agência de notícias (Folhapress), um dos maiores e mais modernos parques gráficos da América Latina (CTG-F), a Transfolha, empresa de logística que também é dedicada à distribuição de produtos do Grupo Folha, uma gráfica dedicada a jornais e folhetos para empresas, editoras e agências de publicidade (FolhaGráfica) e a SPDL, empresa de distribuição e logística estabelecida em associação com o jornal “O Estado de S. Paulo””. Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/institucional/>. Acesso em agosto de 2020.

Em 2020, no vídeo descrito no tópico anterior, o atual presidente chama o Jornal Folha de São Paulo de “bosta” e, além de muitas outras afirmações, diz que demitirá do seu governo quem for elogiado pelo referido jornal. Vamos às palavras proferidas pelo presidente:

Aí a **bosta** da Folha de S. Paulo diz que meu irmão foi expulso de um açougue em Registro que estava comprando carne sem máscara. Comprovou no papel, estava em São Paulo esse dia. O dono do açougue falou que ele não estava lá. E fica por isso mesmo. Eu sei que é problema dele, né? Mas é a putaria o tempo todo para me atingir, mexendo com a minha família. (FOLHA DE S. PAULO, 2020 – grifos nossos)

Na ocasião mencionada, o presidente faz referência a uma reportagem do jornal que investigou a presença do irmão do presidente a um açougue, sem máscara. Segundo a Folha, o irmão dele foi ao açougue, não usando máscara, fato comprovando por duas pessoas, além da dona do estabelecimento. No entanto, um dia depois das palavras proferidas em entrevista ao jornal, a dona do estabelecimento disse que confundiu a pessoa do irmão do presidente com outra.

Em outro momento do vídeo, o presidente volta a atacar o Jornal Folha de S. Paulo, assim como o Jornal O Globo<sup>15</sup> e o Jornal O Antagonista<sup>16</sup>. Vamos às palavras do presidente:

Aqui eu já falei: perde o ministério quem for elogiado pela Folha ou pelo Globo. Pelo Antagonista, né? Então, tem certos blogs aí que só tem notícia sobre ministro. Eu não sei como. O presidente leva porrada, mas o ministro é elogiado. A gente vê por aí. ‘O ministério está indo bem, apesar do presidente’. Vai pra puta que o pariu, porra. Eu que escalei o time, porra. Trocamos cinco. Espero trocar mais. (FOLHA DE S. PAULO, 2020)

Alguns pontos, nos ditos acima, nos chamam atenção:

- 1) A incapacidade de receber críticas, enquanto seus ministros, em algum momento, recebem elogios, ao afirmar que quem for de sua equipe e for elogiado por algum veículo de imprensa, em especial os mencionados, será sumariamente demitido;

<sup>15</sup> <https://oglobo.globo.com/>

<sup>16</sup> <https://www.oantagonista.com/>

2) A quantidade, em um único enunciado, de palavrões mencionados numa reunião na qual deveria haver todo o decoro e responsabilidades possíveis. Na citação acima, temos duas ocorrências da expressão “porra”, e uma ocorrência da expressão “puta que o pariu”, mostrando uma verdadeira quebra de decoro para alguém que preside um país. Essas três ocorrências de palavras fazem parte de um total de 29 proferidas pelo presidente na reunião em questão<sup>17</sup>, em que usa vocabulário chulo, palavras de baixo calão sempre para ofender governadores e prefeitos que considera adversários, como para atacar a impressão (como temos visto no decorrer deste texto).

É importante, antes de seguirmos na descrição de trechos do mencionado vídeo e, assim, chegarmos ao meme que queremos analisar, ver a importância do que Volóchinov (2018) afirma sobre o *tema*, como vimos no início deste artigo. O *tema* é atrelado ao momento histórico e social que permeia a palavra usada nessa ou naquela situação. Diante disso, é importante esclarecermos que o momento histórico no qual estamos, enquanto cidadãos brasileiros, define como impensáveis tais palavras serem proferidas numa reunião ministerial, na verdade, em qualquer reunião se queira séria.

É importante vermos como o *tema* se faz presente, consideração a posição ocupada pelo presidente e o momento no qual tais palavras foram proferidas, tanto que, após a mídia divulgar o quantitativo das palavras em questão, o mesmo se “desculpou” e afirmou que havia a presença de palavrões, mas que isso era o jeito dele, que ele sempre “brinca” com os ministros. No entanto, conforme citação, é perceptível que não há, em nenhum momento, o “tom” de brincadeira, mas, de certa forma, de falta de respeito e de ameaça para com os presentes na reunião, ou seja, para com os ministros com os quais sempre brinca. Mesmo diante de tal “justificativa”, o presidente não modificou o *tema* que se construiu nas palavras usadas na referida reunião; penso, na verdade, que apenas intensificou a historicidade que tais palavras ganharam, considerando todos os elementos extraverbais que as compõem.

Continuando, em momentos posteriores, o presidente, veementemente, critica a imprensa, no tocante ao vazamento de informações sobre seu governo, dentre

---

<sup>17</sup> Conforme Jornal Nacional, edição de 22 de abril de 2020. Fonte: GloboPlay. Acesso em agosto de 2020.

outras coisas, afirmando que é preciso ignorar 100% o que é divulgado na mídia sobre seu governo, usando a palavra “pulhas” para ofender a imprensa brasileira.

Essas descrições são fundamentais para que venhamos, conforme Volóchinov (2018) afirmou, compreender o contexto histórico e social no qual a palavra é usada para que, com êxito, possamos compreender o *tema* que se torna único e irrepetível assim como é o momento norteador de significações no qual a palavra se insere. Nesse sentido e após a exposição acima, evocamos o meme que escolhemos para análise:



Fonte da imagem: Google.com – Acesso em agosto de 2020

É importante vermos de imediato que, após o momento histórico no qual o atual presidente do Brasil afirma que ser elogiado pela imprensa, em especial Jornal Folha de S. Paulo e o Jornal O Globo, é motivo para ser retirado da equipe, ser demitido e deixar o governo, houve a criação do meme acima. Na legenda que está no gênero em questão, temos: “Em reunião, Bolsonaro afirmou que quem fosse elogiado pela **Folha** ou pelo **O Globo**, perderia o cargo. Só estamos testando um negócio aqui”.

Percebemos a necessidade de a imprensa elogiar o “maior” presidente da história do Brasil, para, assim, ele deixar o cargo. É notório o jogo com a palavra “maior”, não no sentido de elogiar o cidadão que está na foto, mas de apontar uma crítica, de forma explícita àquele que, na visão de muitos especialistas, tem exercido o pior mandato da história da República Brasileira, ou seja, na verdade, é o “menor” presidente de todos os que já foram eleitos.

Etimologicamente, a palavra “maior” vem do latim ‘*māior*’ e apresenta as seguintes acepções:

1. Que supera outro em número, grandeza, extensão, intensidade etc., superior;
  2. Que está com mais de (determinada idade), mais velho;
  3. Que atingiu a maioridade;
  4. (na música): Diz-se dos intervalos de segunda e terça que medem um e dois tons, respectivamente;
  5. (na música): Diz-se de escala ou modo cuja terça é maior (acp.4);
  6. (na música): Diz-se de acorde que, no estado fundamental, contém a terça maior (acp.4);
  7. Ancestrais, antepassados, ascendência.
- (Definições de Oxford Languages – acesso em agosto de 2020)

No meme em questão, conforme as *significações* acima apresentadas, percebemos que o termo “maior” foi usado na primeira acepção, “que supera outro em número, grandeza ou extensão, intensidade”. Ou seja, o referido cidadão é “o maior presidente do Brasil”. Conforme Volóchinov (2018), a *significação* está para a palavra dicionarizada, está para o sentido canônico, por assim dizer, do que a palavra quer dizer.

O *tema* da palavra “maior”, por sua vez, como a abordagem do Círculo de Bakhtin nos demonstra, em especial em MFL, está para além da palavra, atrelando-se ao momento histórico e social que circunda o uso, a recepção, a interação e a avaliação da palavra aqui em questão.

A partir do contexto aqui já apresentado, no qual, conforme ditos do presidente, quem for elogiado pela imprensa terá sua saída do governo, o *tema* da palavra “maior” surge como uma tentativa de, ao elogiar o presidente, fazer com que ele venha a sair do governo. Percebemos, então, uma espécie de contradição, crítica, ironia quanto ao

uso da referida palavra, com fins de apenas e tão somente “testarmos um negócio aqui”, ou seja, conseguir a saída do presidente de seu cargo.

Conforme apresentamos, à luz do que diz Volóchinov (2018), percebemos o qual o *tema* é inseparável do enunciado e como ele está fora do próprio enunciado, afinal de contas, o uso da palavra “maior” quer, na verdade, dizer o contrário, i.e, que o atual presidente é o “menor” presidente da história do Brasil. Percebemos, conforme a teoria do Círculo de Bakhtin, como o *tema* é dependente dos sujeitos que estão envolvidos na situação e como é dependente, também, da historicidade do momento.

Quem é contrário ao governo atual, sem entender o contexto e o conteúdo da reunião ministerial de 22 de abril de 2020, certamente, não concordará com o enunciado “O maior presidente da história do Brasil”, ou também se não ler atentamente a legenda, de caráter explicativo, que acompanha a foto. No entanto, conforme Volóchinov (2018), para que o tema seja efetivamente construído, não devemos apenas considerar os elementos verbais (se assim o for, estaremos no nível da *significação*).

O *tema*, além dos elementos linguísticos, afinal não há *tema sem significação*, apresenta a presença de elementos extraverbais caros à criação e manutenção do seu sentido, como a produção, recepção, circulação e uso no processo de comunicação (VOLÓCHINOV, 2018). No caso em questão, temos os ditos do presidente no contexto de uma reunião ministerial, a presença de seus ministros e demais pessoas que integram sua equipe, os elogios de alguns veículos de imprensa a ministros, a exemplo do Mandetta, e não ao presidente, e tudo isso num cenário de pandemia do novo coronavírus, como a que estamos vivendo a partir de disseminação do vírus Sars-Cov.2, ou, como é conhecido, COVID-19. Como podemos perceber, conforme Volóchinov (2018) em MFL, o *tema* se soma à *significação* para, assim, construir o resultado final e interacional da construção de sentido.

Assim como o *tema* na palavra “maior”, o meme em questão está atrelado à cultura, ao momento histórico no qual ele foi produzido, corroborando para o que falamos anteriormente de que o meme não pode ser compreendido, analisado e revisitado fora das relações sociais e históricas, nem fora do contexto afetivo no qual se insere (NUNES, 2001). É perceptível, portanto, como esse gênero dialoga com a perspectiva dialógica da linguagem, com os sujeitos: os que criam e os que propagam,

a partir da concepção de replicar e de espalhar, com a intenção de ressignificar situações e acontecimentos.

O meme em análise foi proliferado a partir da imagem que o compõe: o presidente, com a faixa que recebeu ao tomar posse, com um semblante relativamente positivo, com um sorriso (até mostrando uma suposta simpatia) e, acima, com a frase “O maior presidente do Brasil”. Observem que sem a historicidade, sem o conhecimento da situação que circunda os fatos históricos, o leitor até pode compreender a pessoa na imagem (texto não verbal) como sendo a pessoa que se descreve nas palavras que estão acima da imagem (texto verbal). Vemos os ditos de Shifman (2013, 2014) para quem os memes, imagens de vários tipos e formas, nas quais podem ser acrescentadas palavras que, juntas, comporão determinado conteúdo.

A mensagem passada pelo meme em análise, então, é o contrário do que ela diz: o atual presidente não é o “maior” presidente da história do Brasil. E quem afirma isso, mesmo que contrariamente em termos de palavras, não é o meme que ora analisamos, mas os fatos sociais, históricos e culturais que, atualmente, compõem a narrativa histórica do Brasil desde 01 de janeiro de 2019. Para não ficar apenas nas nossas palavras, expomos aqui, para esclarecer ao leitor deste artigo, os fatos aos quais nos referimos (apenas os principais, já que elencar todos nos faria fugir dos objetivos traçados para este artigo):

- a. ausência de políticas públicas de combate ao novo coronavírus (prova disso é que, após a saída dos dois ministros da saúde aqui mencionados, até a data de escrita deste artigo (agosto de 2020), não temos um ministro da saúde);
- b. acusação de interferência na PF para proteger um dos filhos de investigação no caso das “rachadinhas” (esse caso diz respeito a desvios de dinheiro por parte de um dos filhos do presidente enquanto deputado estadual no Rio de Janeiro/RJ, desvios esses executados pelo Queiroz (Fabricio Queiroz) e comandado por um dos filhos do presidente, o Flávio Bolsonaro);
- c. críticas negativas à imprensa como um todo, em especial ao Jornal Folha de S. Paulo e à Rede Globo, assim como ao Jornal O Globo;
- d. práticas preconceituosas a grupos minoritários do/no Brasil (a exemplo dos homossexuais e as feministas);

e. inobservância à CF, quando não garante saúde a todos os brasileiros (chegamos à marca de cem mil mortos pelo novo coronavírus), assim como impedir a liberdade de imprensa e de opiniões.

É importante, por fim, se notar a pluralidade de significados que uma palavra pode possuir, no entanto, o *tema*, sendo único e irrepetível e atrelado ao momento no qual se liga à palavra, se atrela a esses significados, trazendo uma *compreensão valorativa* por parte do sujeito que dialoga com o discurso contido no referido material multimodal. Essa *compreensão* resulta numa *avaliação social* que nos faz entender a formação histórica do *tema* – que no caso em análise se atrela ao meme, esse objeto cultural e tão dinâmico no século XXI.

O meme, nesses termos, nos faz ter uma posição valorativa quanto ao que está sendo dito em seu interior, acionando um conhecimento social e histórico tão necessário a sua compreensão. É um dialogismo sublime que, (in)diretamente, exige de seus interlocutores, no referido processo de interação (afinal, sim, há uma interação entre o sujeito e o referido gênero), o conhecimento além dos aspectos verbais e linguísticos e/ou imagéticos que porventura estejam constituindo o meme.

### Considerações Finais

Neste texto não propusemos uma análise exaustiva das ações do atual governo, nem expor uma opinião particular do autor, mas pensamos em concretizar o objetivo que foi traçado: compreender a importância do meme, como artefato cultural, à luz de uma abordagem dialógica da língua, olhando como o *tema* e a *significação* se fazem presentes na veiculação de enunciados por intermédio desse recurso, no nosso caso, digital.

Percebemos, claramente, que não há como entender a mensagem divulgada por meio de um meme, se não compreendermos os aspectos históricos, sociais e midiáticos que o circundam. Tais aspectos são basilares para a definição do *tema* na palavra, afinal, *tema* sem história não acontece.

Não há possibilidades de “temas” na palavra, mas há de “significados”. O *tema*, como ficou demonstrado, é único e irrepetível, apesar de não haver *tema* sem

*significações* e vice-versa. Não há como se pensar em *tema* de forma isolada, unilateral, sem diálogo e sem contexto social e cultural.

Não desconsiderando outras abordagens de uso da língua e do discurso, mas pensamos que a abordagem dialógica da linguagem, do famigerado Círculo de Bakhtin, seja de grande importância, na atualidade, para se compreender o que, aqui, chamamos de “fenômenos meméticos”, ou seja, discursos que emanam dos memes digitais, veiculados, portanto, no mundo virtual e tão presente no nosso dia a dia.

Reiteramos o que falamos no decorrer deste texto: os ditos de Volóchinov (2018) para quanto à compreensão de *significação* e *tema* são basilares para a compreensão da palavra, que é um signo ideológico por excelência. Em outros ditos: os memes são carregados de enunciados ideológicos. Por isso é de grande importância compreender os fatores externos que o originaram, suas ideologias. No caso em questão neste artigo, o contexto atual e político deve ser entendido para que, efetivamente, também se entenda a compreensão do enunciado “O maior presidente da história do Brasil”, para quem, venhamos e convenhamos, é totalmente o contrário. E contra fatos não há argumentos, mas há memes que nos levam à reflexão desses fatos.

## REFERÊNCIAS

- BLACKMORE, S. *The Meme Machine*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- CEREJA, W. Significação e tema. Brait, Beth (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 201 – 220.
- LEAL-TOLEDO, G. DennettandChalmers: argumentsandintuition. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 123-132, 2006. Disponível em: [encurtador.com.br/sLNP5](http://encurtador.com.br/sLNP5).
- LEAL-TOLEDO, G. *Controvérsias Meméticas: a ciência dos memes e o darwinismo universal em Dawkins, Dennett e Blackmore*. Rio de Janeiro, 2009. 467p. Tese de Doutorado – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- LEAL-TOLEDO, G. Em busca de uma fundamentação para a mimética. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 36, n. 1, p. 187-210, Jan./Abril, 2013.
- MARTINO, L. M. S.; GROHMANN, R. A longa duração dos memes no ambiente digital: um estudo a partir de quatro geradores de imagens *online*. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, v. 19, n. 1, p. 94 – 101, janeiro/abril 2017. DOI: 10.4013/fem.2017.191.09. Disponível em: [encurtador.com.br/hsFSY](http://encurtador.com.br/hsFSY).
- MILNER, R.M. Pop Polyvocality: Internet Memes, PublicParticipation, and the Occupy Wall Street Movement. *International Journal of Communication*, 2013, p. 2357 – 2390.

NUNES, M.R.F. *A memória na mídia: a evolução dos memes de afeto*. São Paulo, Annablume, 2001, 168 p.

SHIFMAN, L. Memes in a Digital World: Reconciling with a Conceptual Troublemaker. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 2013, p. 362–377. DOI: <https://doi.org/10.1111/jcc4.12013>

SHIFMAN, L. 2014. *Memes in digital culture*. Massachusetts, MIT Press, 226 p.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad.: Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

---

Recebido em: 01/11/2020

Aceito em: 28/02/2021